



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LEYLANNE RENATA SANTOS DE ARRUDA

**O USO DE CELULAR POR CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA:
OPORTUNIDADES E RISCOS**

JOÃO PESSOA

2024

LEYLANNE RENATA SANTOS DE ARRUDA

**O USO DE CELULAR POR CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA:
OPORTUNIDADES E RISCOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura plena em
Pedagogia da Universidade Federal
da Paraíba como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, sob orientação da Profª
Drª Nádia Jane de Sousa.

JOÃO PESSOA

2024

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

A779u Arruda, Leylanne Renata Santos de.

O uso de celular por crianças na primeira
infância: oportunidades e riscos / Leylanne Renata
Santos de Arruda. - João Pessoa, 2024.
50 f. : il.

Orientação: Nádia Jane de Sousa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Uso de celulares. 2. Infância contemporânea.
3. Primeira infância. 4. Oportunidades. 5. Riscos.
I. Sousa, Nádia Jane de. II. Título.

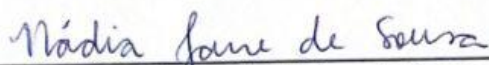
UFPB
/CE

CDU
373.2(043.2)

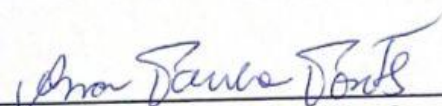
LEYLANNE RENATA SANTOS DE ARRUDA

**O USO DE CELULAR POR CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA:
OPORTUNIDADES E RISCOS**

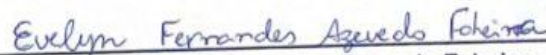
O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba foi avaliado em defesa pública no dia 08 de maio de 2024 e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof.ª Dra. Nádia Jane de Sousa
Orientadora



Prof.ª Dra. Ana Paula Furtado Soares Pontes
Examinadora



Prof.ª Dra. Evelyn Fernandes Azevedo Faheina
Examinadora

JOÃO PESSOA, PB

Maio, 2024

Dedico este trabalho à minha mãe, meu porto seguro que eu tanto admiro e que me inspira todos os dias. A você, Peppinha, com todo meu amor e gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me sustentar até aqui, por me conceder força e coragem para enfrentar todas as adversidades, superar os desafios e por me abençoar tanto.

À minha amada mãe, não há palavras para agradecer tudo que faz por mim. Obrigada por ser meu porto seguro, por sempre ter incentivado meus estudos e me apoiado incondicionalmente, não medindo esforços para que eu chegasse até aqui, sempre me guiando pelo caminho do bem. Sem você isso não estaria se realizando!

Ao meu pai, que apesar de não estar mais presente entre nós, também faz parte deste objetivo e continua possibilitando que ele se torne real, minha eterna gratidão. Essa conquista também é sua!

Aos meus queridos amigos que se tornaram também minha família, agradeço por me apoiarem e dividirem a vida comigo. Obrigada por todo apoio ao longo desses anos e por todos os momentos compartilhados. Vocês tornaram este percurso mais leve e feliz e iluminam a minha vida todos os dias.

À Nádia, minha orientadora, agradeço imensamente por ter me acolhido tão bem, acalmado o meu nervosismo durante esse processo e me guiado pelo melhor caminho.

Agradeço também a todos os professores que passaram pelo meu caminho e me incentivaram desde cedo a seguir no caminho dos estudos. Lembro com carinho dos conselhos de cada um que contribuíram para que eu me dedicasse e chegasse até aqui.

À educação pública, que vivenciei desde a educação infantil, meus sinceros agradecimentos. Em um tempo de poucos recursos, a educação pública me trouxe inúmeras oportunidades, proporcionando a base sólida sobre a qual construí minha jornada acadêmica e pessoal.

Por fim, agradeço à Universidade Federal da Paraíba pelas políticas de assistência estudantil e pelos projetos que desenvolve, enriquecendo a experiência acadêmica dos alunos. Agradeço, especialmente, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), os quais tive a oportunidade de participar como monitora e pesquisadora, respectivamente.

Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.

Josué 1:9

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a relação entre a infância contemporânea e o uso de celulares. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que abordou estudos e análises sobre o impacto do uso de celulares na primeira infância, tanto os aspectos positivos quanto os riscos associados. A análise dos dados permitiu identificar que o uso de celulares por crianças tem se tornado cada vez mais comum e que isso pode trazer benefícios, como acesso a informações educativas e estímulo ao desenvolvimento cognitivo. No entanto, também foram identificados riscos, como a exposição a conteúdos inadequados e o impacto na saúde física e mental das crianças. Concluiu-se que é importante que pais, educadores/as e a sociedade em geral estejam atentos a esse fenômeno e busquem formas de orientar o uso responsável dos celulares pelas crianças.

Palavras-chave: Uso de celulares, Infância contemporânea, Primeira infância, Oportunidades, Riscos.

ABSTRACT

This study aimed to understand the relationship between contemporary childhood and the use of cell phones. For this purpose, a literature review was conducted, which addressed studies and analyses on the impact of cell phone use in early childhood, both the positive aspects and the associated risks. The analysis of the data allowed to identify that the use of cell phones by children has become increasingly common and that this can bring benefits, such as access to educational information and stimulation of cognitive development. However, risks were also identified, such as exposure to inappropriate content and the impact on children's physical and mental health. It was concluded that it is important for parents, educators, and society in general to be aware of this phenomenon and seek ways to guide responsible cell phone use by children.

Keywords: Cell Phone use, Contemporary childhood, Early childhood, Opportunities, Risks.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bibliografia selecionada sobre infância, crianças e celular - Portal de Periódicos CAPES, 2019-2023.....	34
Quadro 2 - Bibliografia selecionada sobre infância, crianças e celular - Google acadêmico, 2019-2023.....	35
Quadro 3 - Bibliografia encontrada com ênfase na primeira infância - Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, 2019-2023.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico sobre o desenvolvimento cerebral infantil.....	28
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	15
3 INFÂNCIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	17
4 INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E OS DISPOSITIVOS MÓVEIS ELETRÔNICOS.....	22
5 O USO DE CELULAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	28
5.1 O que os órgãos de saúde recomendam.....	28
5.2 Oportunidades e riscos.....	30
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
8 REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é possível observar que as inovações tecnológicas, especialmente os dispositivos móveis eletrônicos, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e computadores ganham cada vez mais espaço na vida das pessoas, modificando significativamente a forma como nos comunicamos, estudamos, trabalhamos e nos divertimos.

Esses dispositivos móveis eletrônicos tornaram-se ferramentas de suma importância para nosso dia a dia, mediante as suas funcionalidades, possibilidades e contribuições para realização de inúmeras atividades, seja facilitar a comunicação entre as pessoas, auxiliar nos estudos e/ou trabalho, buscar informações, assistir, jogar *etc.*, aumentando a eficiência dessas ações e otimizando o uso do tempo.

Entretanto, é importante considerar que o uso dessas tecnologias acarreta também uma série de riscos e desafios, pois ao estar conectado/a à internet, é preciso estar atento a inúmeras questões como segurança e privacidade de dados, por exemplo.

Essa revolução tecnológica não impacta exclusivamente as pessoas adultas, mas também atinge as crianças, que têm acesso a esses dispositivos e suas funcionalidades cada vez mais cedo, o que as expõe a uma série de oportunidades e riscos, a depender da forma como esses aparelhos são utilizados. O acesso precoce a esses dispositivos móveis eletrônicos afeta o modo de vida das crianças, suas aprendizagens e interações sociais, tanto com outras crianças quanto com adultos.

Ao refletir sobre as brincadeiras infantis mais antigas e as brincadeiras infantis atuais é possível perceber grande modificação ao longo do tempo. Alguns anos atrás, as brincadeiras das crianças costumavam acontecer de modo presencial, no qual as crianças interagiam mais diretamente umas com as outras, com diversos jogos e brincadeiras infantis, comumente ao ar livre. Com o passar do tempo e as modificações sociais, boa parte dessas brincadeiras foram substituídas pelo uso dos dispositivos móveis eletrônicos, sobretudo os celulares, e suas inúmeras funções e possibilidades.

Com o uso dos celulares, muitas crianças passaram a focar principalmente em atividades virtuais, especialmente para lazer, como jogar e assistir vídeos, por exemplo, em detrimento das interações não virtuais. Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral compreender a relação entre a infância contemporânea e o uso do celular.

É fundamental que a sociedade tenha conhecimento dos impactos que o uso desse aparelho pode acarretar, buscando seu uso consciente e saudável, especialmente pelas crianças, que estão em fase acentuada de desenvolvimento. Nesse cenário, o presente trabalho busca investigar a seguinte questão: quais as oportunidades e os riscos que o uso de celulares oferece às crianças na primeira infância?

Para responder essa indagação, este trabalho tem como objetivos específicos realizar um levantamento de estudos publicados nos últimos 5 anos que abordem a temática em questão, mapear recomendações de órgãos de saúde sobre o uso de celulares por crianças na primeira infância, identificar oportunidades e riscos que o uso de celulares oferece às crianças na primeira infância e refletir sobre a importância do letramento digital nas instituições educativas.

No contexto educacional, é importantíssimo abordar essa temática, uma vez que, atualmente, os celulares costumam fazer parte da vida das crianças desde muito cedo. É necessário que os/as profissionais da área da educação tenham conhecimento sobre o que o uso desse dispositivo pode acarretar e/ou propiciar para as crianças. Esse conhecimento possibilita que esses/as profissionais trabalhem o letramento digital das crianças e desenvolvam estratégias educacionais para que o uso de celulares seja feito de forma benéfica e eficaz, sem comprometer o desenvolvimento saudável das crianças, contribuindo também para seus processos de aprendizagem.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado mediante abordagem qualitativa, compreendida por Creswell (2010, p. 43) como “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano.”

Essa pesquisa caracteriza-se como bibliográfica com intuito de responder à questão apresentada por meio de estudos publicados acerca da temática. De acordo com Gil (2002), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”, tendo como principal vantagem “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p. 44).

Partindo disso, foi feito um levantamento bibliográfico de obras já publicadas que abordam o tema em questão, buscando a ampla compreensão da relação entre a infância contemporânea e o uso do celular, bem como as oportunidades e riscos causados pelo uso de celulares por crianças na primeira infância.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico de materiais publicados nos últimos 5 anos no Portal de Periódicos CAPES e no Google Acadêmico, usando como descritor “celular e criança”, obtendo um total de 218 resultados, dos quais foram selecionados os trabalhos que mais se aproximaram da temática, mediante a leitura de títulos e resumos.

A escolha de pesquisar material bibliográfico publicado nos últimos 5 anos ocorreu devido à rapidez com que os recursos tecnológicos estão avançando, especialmente no que concerne aos dispositivos móveis eletrônicos. Essa rápida evolução tecnológica provoca modificações na forma como compreendemos esses recursos tecnológicos e como nos relacionamos com eles, logo, trabalhos publicados mais recentemente podem refletir melhor o cenário atual, por isso, o recorte temporal dos últimos 5 anos, permitindo uma compreensão mais atual do tema.

Além disso, também foi realizada uma busca e seleção de materiais publicados por órgãos de saúde, para verificar suas recomendações sobre o uso de dispositivos móveis eletrônicos por crianças, em especial os celulares. Para isso, os órgãos selecionados foram a Organização Mundial da Saúde (OMS), por se tratar de

um órgão de saúde pública mundial, apresentando um panorama geral do tema e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), por ser um órgão nacional.

3 INFÂNCIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

É fundamental revisitar o percurso histórico da infância, pois isso possibilita compreendermos os diferentes enfoques que cada sociedade atribuía a esse período da vida, nos permitindo entender a construção do conceito de criança e infância ao longo do tempo, bem como os conceitos que são vigentes na atualidade.

Na etimologia, o termo "infância", do latim "in-fans", significa "sem linguagem". Isso implica que, na tradição filosófica ocidental, a falta de linguagem também indicava a ausência de pensamento, conhecimento ou mesmo raciocínio. Dessa forma, a etimologia da palavra infância sugere que as crianças eram vistas como seres a serem instruídos, moldados moralmente e educados (Castro, 2010).

Segundo o Aurélio, uma criança é um ser humano na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade", enquanto a infância é o "período da vida humana desde o nascimento até cerca de 12 anos, até ao início da adolescência.". Ainda de acordo com Ferreira (1975) a infância é "o período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia".

No Brasil, a definição jurídica da infância é regulamentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Segundo o ECA, considera-se criança a pessoa com até 12 anos de idade incompletos. Para efeitos legais, a infância compreende esse período, sendo uma fase de desenvolvimento que demanda proteção e cuidado especial por parte da família, da sociedade e do Estado. O ECA estabelece direitos e garantias para as crianças, visando assegurar seu pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, bem como protegê-las de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Silveira, 2023).

Sarmiento (2007) afirma que ao longo da história, a definição da criança tem sido invisível, pois sua história é contada e registrada sob a perspectiva dos adultos. Ou seja, não é a visão da criança que é considerada, mas sim a forma como os/as adultos/as percebem a criança por meio de seus discursos. Isso ocorre porque a criança não se expressa por meio da fala, como menciona Lajolo (1997):

Por não ter voz, a infância não fala por si mesma e, ao não falar, não se coloca na posição de primeira pessoa nos discursos que a envolvem. Por não assumir o "eu", por nunca se colocar como sujeito do discurso e, conseqüentemente, por ser sempre definida como "ele/ela" nos discursos dos outros, a infância é sempre definida de

fora (Lajolo, 1997, p. 230).

A realidade demonstra que as crianças sempre existiram, mesmo que a ideia de infância nem sempre estivesse presente. Conforme Garcia e Leite (2001) afirmam, a concepção das crianças como um grupo etário distinto, com identidades específicas e com necessidades e direitos próprios, é muito recente.

A concepção de infância emergiu durante o período histórico e social da modernidade, à medida que os índices de mortalidade infantil diminuíram devido ao avanço da ciência e às transformações econômicas e sociais.

A concepção de infância evoluiu de ser vista como uma fase preliminar da vida adulta para ser reconhecida como um estado distinto. Portanto, embora seja reconhecido que a definição de infância é influenciada pelo contexto histórico, social e cultural em que se insere, também se admite a sua especificidade como uma das etapas da vida humana (Maciel; Baptista; Monteiro, 2009, p. 15).

Como a ideia de infância nem sempre existiu, durante muito tempo não era atribuído nenhum sentido especial às idades e fases da vida humana. A noção como uma idade profundamente diferente a ser respeitada na sua diferença é relativamente nova (Pontes *et al.*, 2017).

Ao longo da história, os conceitos de criança e infância têm sido objeto de discussão e apresentam significados diversos. A criança deixou de ser vista como um ser "adultizado" e passou a ser considerada um indivíduo com direitos e singularidades. Pinto e Sarmento (1999) destacam que novas pesquisas e estudos têm enfatizado o status da criança como um ser de direitos desde o ventre materno. A concepção de infância está em constante transformação, variando de acordo com diferentes contextos culturais e sociais em que a criança se encontra na sociedade. Portanto, como afirmam Andrade e Barnabé (2010), "O termo 'infância' tem um significado genérico que é moldado pelas transformações sociais, o que indica que a experiência da infância muda de acordo com os paradigmas do contexto histórico e outras variáveis sociais, como raça, etnia e condição social".

A concepção de infância surgiu junto com a sociedade burguesa, à medida que ocorriam mudanças na inserção e no papel social da família, da criança e da mulher nessa sociedade. De acordo com Philippe Ariès (1981) *apud* Barbosa (2014), somente "a partir do século XVII a sociedade europeia estabeleceu uma clara distinção entre as crianças e os adultos.", construindo, assim, a ideia inicial de

infância, resultando em estilos de vida diferentes para crianças e adultos, com hábitos e costumes desiguais. Segundo Bondioli (2007, p. 38) *apud* Barbosa (2014), “Os jogos e as atividades das crianças foram progressivamente distinguindo-se daqueles dos adultos e até mesmo os ambientes da vida se diferenciaram, rarefazendo as situações compartilhadas entre pequenos e grandes”.

Nesse contexto, a infância na modernidade estabeleceu um padrão universal de criança ideal, alinhado aos valores da classe média. No entanto, no Brasil, a infância se constitui em meio à diversidade:

É necessário levar em consideração a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos no Brasil, tais como as diversas nações indígenas com suas línguas e costumes; a história da escravidão das populações negras; a opressão e a pobreza que afetam uma parte significativa da população; além do legado do colonialismo e do imperialismo, que deixaram marcas distintas no processo de socialização de crianças e adultos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 15).

Segundo Gouvêa (2002), a história da criança brasileira é intrinsecamente entrelaçada com as transformações sociais ao longo do tempo. As experiências vivenciadas pelas crianças no Brasil foram profundamente influenciadas pela sua posição social, racial e de gênero.

De acordo com Barbosa (2014), no decorrer dos séculos, as crianças no Brasil foram sujeitas a diferentes realidades, dependendo do contexto histórico e das estruturas sociais vigentes. Por exemplo, durante o período colonial, as crianças indígenas foram frequentemente submetidas a processos de catequização e assimilação cultural pelas autoridades coloniais, enquanto as crianças negras eram frequentemente escravizadas e exploradas em plantações e em trabalhos domésticos nas casas das elites coloniais.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento econômico do país, houve mudanças significativas nas experiências infantis. Durante o século XX, por exemplo, com o processo de industrialização e urbanização, muitas crianças passaram a trabalhar nas fábricas, muitas vezes em condições precárias e sem acesso à educação formal (Aquino, 2015).

Para Pontes *et al.*, (2017), as questões de gênero também desempenharam um papel importante na história da infância brasileira. As meninas, por exemplo, muitas vezes eram destinadas a papéis domésticos e de cuidado, enquanto os

meninos eram encorajados a buscar trabalho remunerado ou educação formal.

Muitas transformações ocorreram, proporcionando uma compreensão diferente da criança e da infância, o que nos permite entender, dentro de um contexto histórico, como cada sociedade percebia a criança. Como ressaltam Kaercher *et al.* (2001), é importante ter em mente que a compreensão de infância, criança e desenvolvimento tem passado por diversas transformações, especialmente a partir do final do século passado.

As crianças agora são reconhecidas como cidadãs, indivíduos com direitos que contribuem para a cultura e são influenciadas por ela. Essa nova perspectiva sobre as crianças não apenas ajuda a compreendê-las melhor, mas também permite enxergar o mundo a partir de um novo ponto de vista. A infância é mais do que apenas uma fase da vida; ela é parte integrante da história, uma vez que a existência de uma história humana é fundamentada na infância (Jácome, 2018).

A infância passou por mudanças significativas ao longo do tempo, sendo sua concepção complexa, pois envolve fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Ao longo da História da humanidade, as crianças foram compreendidas de diversas formas: adulto em miniatura, tábula rasa, folha em branco (Pontes *et al.*, 2017). Com o passar do tempo e as modificações sociais, a infância passou a ser considerada como uma fase importante do desenvolvimento humano, tendo reconhecida a sua relevância. Anteriormente a isso, “as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial” (Sarmiento, 2002 *apud* Souza, Sobrinho e Herran, 2017).

Felizmente, de acordo com o avanço das sociedades, as concepções de crianças foram sendo transformadas e a infância foi validada como uma importante etapa pela qual todos passamos, como demonstra os autores:

A criança como indivíduo percorreu a história da humanidade recebendo diferentes tratamentos em função das diferentes relações estabelecidas no seio das diferentes sociedades, o que produziu formas distintas de compreender a infância e de se perceber a forma como as crianças integram o espaço social a partir do tempo-espaço de cada época, local e peculiaridades. (Souza, Sobrinho e Herran, 2017, p. 119).

Desse modo, não há uma única concepção de criança ou de infância, pois isso está atrelado à forma que a sociedade se organiza e se compreende. O significado genérico da infância está diretamente ligado às transformações sociais,

culturais, econômicas *etc.* da sociedade de um determinado tempo e lugar, que possui seus próprios sistemas de classes, de idades e seus sistemas de status e de papel social (Souza; Sobrinho e Herran, 2017).

4 INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E OS DISPOSITIVOS MÓVEIS ELETRÔNICOS

Quando se discute o papel da criança na sociedade atual, é fundamental lembrar que os conceitos estabelecidos de criança e infância são determinantes não apenas em debates educacionais, mas também em discussões sociais. O fato de a criança ser considerada atualmente um ser de direitos, com suas próprias singularidades, reflete a transformação do conceito e da importância atribuída a ela ao longo da história.

Segundo Fontana e Cruz (1997), o século XX marcou o auge do interesse em compreender a criança, iniciando um estudo mais aprofundado e efetivo sobre suas características. No início do século XX, houve uma concepção de escola assistencialista, evidenciada pela fundação das primeiras instituições pré-escolares com esse caráter no Brasil. Esse modelo distinguia-se do adotado em países europeus, onde as creches foram fundadas primeiramente, seguidas pelos jardins de infância (Faria, 2018).

É interessante notar que esse modelo assistencialista adotado no Brasil se diferenciava do modelo predominante em países europeus. Enquanto na Europa as creches foram as primeiras instituições a serem estabelecidas, seguidas pelos jardins de infância, no Brasil, o movimento começou com o estabelecimento de instituições pré-escolares voltadas para a assistência integral das crianças (Faria, 2018).

Para Pinto e Sarmento (1999), essa abordagem pioneira no Brasil reflete a preocupação crescente com o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança, influenciando significativamente as políticas e práticas educacionais ao longo do século XX. A partir desse contexto, surgiram importantes debates e iniciativas voltadas para a promoção de uma educação mais inclusiva e centrada na criança, moldando o cenário educacional brasileiro até os dias atuais.

Com a institucionalização da educação e da concepção de infância, houve uma evolução significativa no entendimento da criança, especialmente com o surgimento da escolarização. O desenvolvimento de uma abordagem pedagógica específica para crianças contribuiu para a estruturação social desse período da vida (Corsaro, 2003). Anteriormente, as crianças eram integradas ao mundo adulto para aprenderem os trabalhos familiares, mas hoje são protegidas e agrupadas em faixas etárias distintas.

Atualmente, as crianças são inseridas no ambiente escolar desde os primeiros anos de vida, conforme observado por Dolto e Nasio (2008). A escola tornou-se um instrumento fundamental no processo de construção da "nova" criança, sendo vista como um ambiente de preparação para a vida adulta. Como afirmado por Ariès (2006), a escola assumiu o papel da aprendizagem como principal meio de educação. Isso significa que a criança não é mais integrada ao mundo adulto e não aprende sobre a vida diretamente através do contato com os adultos.

Com a chegada das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), especialmente com o surgimento da internet, as interações, aprendizagens e conhecimentos têm passado por rápidas transformações, impactando a sociedade em aspectos culturais e sociais. De acordo com Oliveira *et al.* (2017), os dispositivos móveis eletrônicos se tornaram um recurso vital nessa sociedade, sendo que praticamente todas as instâncias sociais mantêm uma relação profunda com ela, sendo influenciadas pelo seu poder.

Para a autora, o mundo se transformou em uma "aldeia global", em que as pessoas estão cada vez mais conectadas a diversos dispositivos eletrônicos para fins de comunicação, obtenção de informações ou entretenimento. Assim, vivemos em uma sociedade caracterizada pelas mudanças das mídias digitais, o que afeta a organização e o modo de vida dos indivíduos (Oliveira *et al.*, 2017).

Com essa inovação contínua, novos conhecimentos estão sendo constantemente construídos, e os meios tecnológicos estão se integrando cada vez mais às nossas rotinas, ocupando um espaço cada vez maior na sociedade. Isso tem levado a uma busca frenética por informações e ao uso intenso de aparelhos eletrônicos. As mídias digitais estão sendo utilizadas para diversas finalidades, como comunicação, entretenimento, trabalho, educação, entre outros. Os dispositivos usados nas mídias interativas podem ser facilmente transportados e utilizados em qualquer ambiente, o que leva as pessoas a estarem constantemente expostas a eles (Oliveira *et al.*, 2017).

Assim, a sociedade passa por constantes mudanças em seu estilo de vida, uma vez que o uso de recursos digitais se tornou muito comum entre as pessoas. É possível observar indivíduos de diferentes faixas etárias sempre com celulares, *iPads*, *tablets* e *notebooks* em mãos, com fácil acesso à internet, integrando esses dispositivos em seus hábitos cotidianos. Com o aumento do uso desses recursos, as pessoas estão expostas a uma variedade de estímulos que as levam a explorar

novas informações, o que influencia suas interações sociais desde cedo. Na primeira infância, por exemplo, as crianças já estão sujeitas à utilização das mídias interativas, que se tornam parte de suas rotinas e das pessoas com quem convivem (Buckingham, 2007). Nesse sentido, “é essencial que o currículo equipe os jovens para tornar-se ativamente envolvidos na cultura que os cerca.” Buckingham (2007).

A mídia-educação, segundo Buckingham (2007), não se limita à análise das mídias ou à simples aquisição de habilidades críticas de recepção, mas busca promover a participação crítica dos jovens como produtores culturais por direito próprio. Para o autor, as instituições educacionais têm o potencial de desenvolver nas crianças a habilidade de se protegerem no ambiente midiático, bem como de compreendê-lo mais profundamente e lidar eficazmente com ele (Buckingham, 2007).

Consequentemente, desde os primeiros anos de vida, as crianças são introduzidas ao mundo digital devido à influência dos adultos. É perceptível que, desde pouca idade, os bebês estão expostos ao contato com dispositivos eletrônicos, pois estes fazem parte do cotidiano dos pais e cuidadores/as, tornando-se uma presença constante em suas experiências. Os pais e responsáveis desempenham um papel fundamental na formação das crianças, auxiliando em seu desenvolvimento, embora nem sempre consigam participar diretamente desse processo (Belloni, 2015).

Assim, devido à falta de tempo para dedicar-se integralmente ao cuidado e à educação das crianças, muitos recorrem aos recursos tecnológicos como uma alternativa para suprir a presença e atenção necessárias para seu desenvolvimento. Esse acesso precoce e, muitas vezes, ilimitado às telas desde tenra idade é observado com frequência, sem estabelecimento de limites quanto ao tempo de exposição (Souza, 2019).

Vivemos em uma era de virtualidade das relações, onde o contato através dos meios tecnológicos é facilmente acessível. Muitas vezes, as pessoas estão permanentemente online, o que afeta sua forma de se relacionar com o ambiente fora das telas. Esse contexto pode gerar grandes desafios na formação dos/as bebês e das crianças em relação às interações estabelecidas na era digital. Em muitas situações, esse público é atraído pelas telas dos aparelhos eletrônicos, permanecendo exposto por longos períodos a esses recursos. Isso não apenas como forma de entretenimento, mas também como uma maneira de mantê-los/as

quietos/as e exigindo menos atenção de seus pais e cuidadores/as. Conforme observa Jerusalinsky (2014, p. 14):

O foco da atenção das crianças nas telas portáteis frequentemente funciona como uma espécie de "chupeta eletrônica", que interrompe as demandas e os deslocamentos naturais do bebê no espaço. Essas interações são essenciais para que a criança estabeleça relações com outras pessoas, que percebam e compartilhem as diversas possibilidades e riscos presentes no mundo simbólico, imaginário e real que os seres humanos habitam.

Diante desse cenário, Jerusalinsky (2014) destaca que, desde muito cedo, os/as bebês têm acesso aos dispositivos eletrônicos, ficando fascinados/as com as cores vibrantes e as interações visuais e sonoras oferecidas pelas telas. No entanto, quando são expostos/as exclusivamente a esses meios sem o acompanhamento adequado, podem enfrentar dificuldades no desenvolvimento da imaginação e na exploração do ambiente ao seu redor. Além disso, a constante presença online dos/as adultos/as nos dias de hoje pode afetar suas interações sociais, levando a uma presença física sem uma verdadeira conexão psicológica com o ambiente e as pessoas ao seu redor.

Nesse sentido, os pais acabam terceirizando sua função de estar presente para os/as filhos/as por meio dos dispositivos tecnológicos, deixando de dedicar atenção às suas necessidades. Afinal, se as crianças, inclusive os/as bebês, têm acesso aos meios digitais, é porque um/a adulto/a permitiu e facilitou esse contato com a tecnologia.

Assim, a sociedade cada vez mais interativa com a tecnologia tem impactado nas interações entre adultos/as e crianças, bem como na relação da criança com o ambiente ao seu redor, reduzindo seu contato com outras pessoas que são importantes para seu desenvolvimento. As diversas formas de estímulo proporcionadas por esses recursos podem prejudicar a realização das atividades cotidianas da criança fora das telas, pois ela pode perder o interesse nessas atividades (Amaro, 2015).

Com o avanço tecnológico, os recursos digitais passaram a fazer parte do repertório de estímulos oferecidos às crianças, ao lado de brinquedos, livros e outros materiais. Consequentemente, os brinquedos foram evoluindo rapidamente, com alguns sendo substituídos por telas, como *tablets*, celulares, computadores e videogames, afetando o espaço do brincar na infância na contemporaneidade

(Champaoski, 2019).

De acordo com Tono (2017, p. 112):

O uso crescente das tecnologias da informação e comunicação na atualidade em diversos setores da vida humana tem aumentado o número de pessoas vulneráveis ao desenvolvimento de problemas de saúde física, mental, cognitiva, sexual, social, segurança e em outras áreas da vida humana. Esse impacto é especialmente relevante em crianças, que muitas vezes não recebem a orientação e acompanhamento adequados para fazer uso responsável e seguro dessas tecnologias (Tono, 2017, p. 112).

Entende-se que a infância é um período importante em que a criança está em constante desenvolvimento, necessitando do auxílio do outro para explorar e compreender o mundo ao seu redor, criando assim seu próprio universo. No entanto, com a redução da interação com o ambiente externo, tem-se observado uma mudança na forma de brincar, com os dispositivos tecnológicos se tornando cada vez mais presentes como substitutos dos brinquedos tradicionais. Isso tem levado a uma troca das brincadeiras livres pela diversão virtual, afetando assim a dimensão simbólica da infância (Santos, 2015).

Os recursos digitais têm gerado mudanças significativas na infância e em sua cultura, resultando em uma menor interação das crianças com o ambiente ao seu redor e uma exploração reduzida do mundo que as cerca. É cada vez mais comum vê-las totalmente imersas nas telas de dispositivos tecnológicos, focadas exclusivamente no mundo virtual. Entretanto, o ato de brincar desempenha um papel crucial em diversos aspectos do desenvolvimento infantil, abrangendo dimensões físicas, sociais, culturais, afetivas, emocionais e cognitivas. Ao passarem muito tempo diante das telas, as crianças acabam privando-se das oportunidades de explorar o mundo real por meio de interações sociais essenciais, o que compromete a estimulação da capacidade de imaginação (Estigarribia, 2019).

Conforme apontado por Lewandosvski (2016), os brinquedos tecnológicos podem impactar negativamente o processo de criatividade, uma vez que não permitem às crianças, em sua maioria, manipulá-los, explorá-los, criar e imaginar. As instruções e regras já vêm prontas, cabendo à criança apenas executar as ações e não experimentar diferentes situações. Dessa forma, a criança se torna um sujeito passivo diante da realidade dos meios tecnológicos, substituindo as brincadeiras físicas por atividades com dispositivos tecnológicos cuja função é meramente a

distração. Essa substituição frequentemente compromete a interação existente, que é essencial para o despertar da imaginação, criatividade e descobertas na infância.

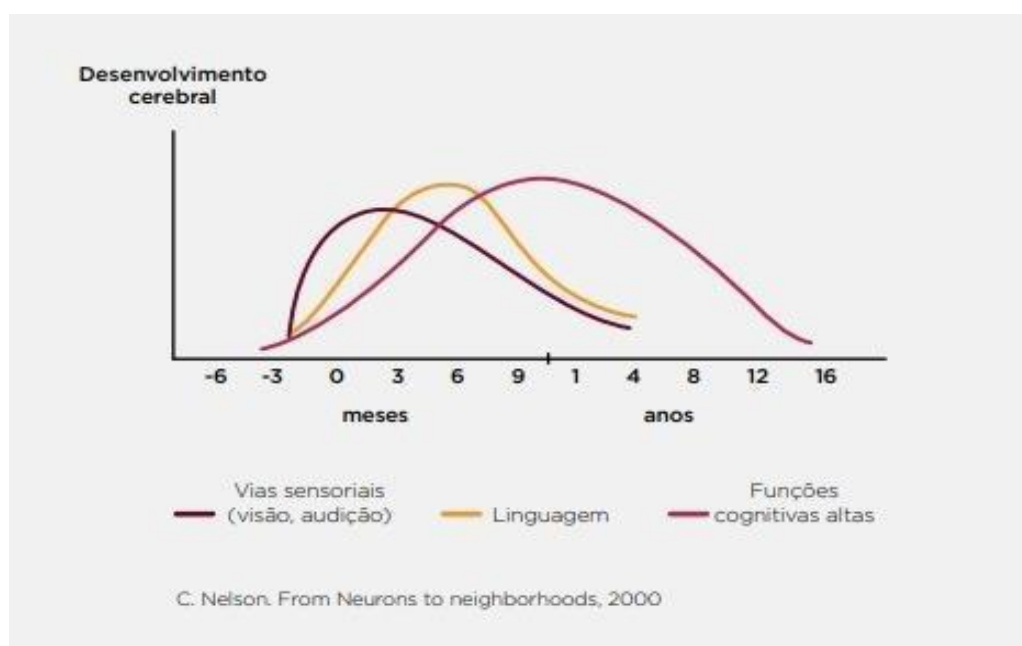
5 O USO DE CELULAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA

No Brasil, a Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece em seu Art. 2º que “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (Brasil, 1990).

Para além disso, a Lei Nº 13.257, de 8 de março de 2016, chamada de Marco Legal da Primeira Infância, altera a Lei nº 8.069, referente ao ECA e estabelece, em seu artigo 2º, que “considera-se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.”, sendo essa fase marcada por inúmeros processos de desenvolvimento, influenciados pela realidade em que a criança vive, pelos estímulos que recebe e pela qualidade dos vínculos afetivos que vivencia.

O gráfico a seguir, retirado da cartilha “Primeira infância é prioridade absoluta”, desenvolvida pelo Instituto Alana em 2017, que atua para viabilizar o desenvolvimento integral da infância nos mais diversos espaços de vivência, ilustra, o desenvolvimento cerebral de acordo com a faixa etária, abrangendo o desenvolvimento das vias sensoriais (visão e audição), da linguagem e das funções cognitivas.

Figura 1 - Gráfico sobre o desenvolvimento cerebral infantil



Fonte: Primeira infância é prioridade absoluta (2017)

Tendo em vista que os picos concentram-se nos primeiros meses de vida e que as curvas seguem elevadas até o sexto ano de vida, é primordial que seja ofertada às crianças condições favoráveis ao seu desenvolvimento, sobretudo na primeira infância.

Sendo os celulares aparelhos comumente presentes no cotidiano das pessoas, inclusive das crianças, é necessário conhecer os impactos que esse dispositivo pode causar ao desenvolvimento das crianças, especialmente na primeira infância, buscando uma abordagem equilibrada que promova o desenvolvimento saudável e seguro nessa faixa etária.

5.1 O que os órgãos de saúde recomendam

Em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou uma série de diretrizes sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para as crianças com menos de 5 anos de idade. Dentre essas diretrizes, há recomendações sobre o tempo de tela que as crianças podem ter acesso. Embora essas diretrizes tenham sido criadas para abordar o uso de todas as formas de telas eletrônicas, como televisores, computadores, *tablets* e celulares, não tratando exclusivamente do uso do celular por crianças, elas apresentam recomendações sobre o tempo de exposição das crianças à telas eletrônicas, logo, sendo o celular uma forma de tela, essas recomendações podem ser aplicadas ao uso do celular por crianças.

Dessa forma, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), para crianças de 0 a 2 anos de idade é recomendado que elas não tenham acesso a nenhum tempo de tela. Já para crianças de 2 a 5 anos de idade, a recomendação é limitar o tempo de tela a, no máximo, 1 hora diária. Para crianças de 6 anos, por sua vez, o limite diário é de até 2 horas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019).

No Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) produziu em 2016 o primeiro Manual de Orientação sobre “Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital” a respeito das demandas surgidas pela expansão das tecnologias da informação e comunicação (TICs), redes sociais e internet, com recomendações para pediatras, pais e educadores/as na era digital.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), os primeiros anos de vida de uma criança são críticos para o desenvolvimento cerebral e mental. Por isso, é essencial que os pais e cuidadores/as estejam atentos aos cuidados

necessários, sem substituí-los pelos meios digitais e tecnológicos (Moreira *et al.*, 2021).

A SBP (2016) recomenda que o tempo de uso de mídia pelas crianças seja adequado à idade e às habilidades neuropsíquicas de cada uma. Assim como a OMS, de acordo com esse manual de orientação, a Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda evitar a exposição de crianças entre 0 e 2 anos de idade a qualquer tipo de tela. Para crianças entre 2 e 5 anos de idade, a recomendação é limitar o tempo de tela a 1 hora diária, com supervisão dos responsáveis. Para crianças com 6 anos de idade, por sua vez, a SBP recomenda que o tempo de tela seja limitado entre 1 a 2 horas diárias, também com supervisão dos responsáveis. (SBP, 2016). Essas orientações têm como objetivo proteger o desenvolvimento saudável das crianças e promover um equilíbrio saudável entre o uso de tecnologia e outras atividades importantes para o seu crescimento e aprendizado.

De acordo ainda com a SBP (2016), a tecnologia tem impacto nos comportamentos por meio do mundo digital, alterando hábitos desde a infância e podendo acarretar prejuízos à saúde. O uso precoce e prolongado de jogos online, redes sociais e diversos aplicativos com conteúdo audiovisual na internet pode resultar em dificuldades de interação social e conexão com outras pessoas, assim como em obstáculos educacionais. A dependência ou o uso excessivo e interativo das mídias digitais está associado a problemas psicológicos, como aumento da ansiedade, manifestações de violência e *cyberbullying*, além de distúrbios do sono e da alimentação. Ademais, o sedentarismo é uma consequência frequente, assim como problemas auditivos decorrentes do uso prolongado de fones de ouvido, distúrbios visuais, má postura e lesões por esforço repetitivo (LER).

5.2 Oportunidades e riscos

Na sociedade contemporânea, é natural que os celulares façam parte do dia a dia das pessoas, sendo ele considerado por boa parte dos indivíduos como um objeto essencial. Todavia, apesar da grande importância e contribuição do celular para a realização de inúmeras atividades diárias, é importante estar ciente sobre como usá-lo para que o limite saudável não seja ultrapassado, especialmente por crianças na primeira infância, que estão em fase acentuada de desenvolvimento.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), “Os primeiros 1000 dias

são importantes para o desenvolvimento cerebral e mental de qualquer criança, assim como os primeiros anos de vida, a idade escolar e durante toda a fase da adolescência.”, pois

São diferentes estruturas e regiões cerebrais que amadurecem e não só a nutrição/oral, mas todos os circuitos sensoriais como o toque de prazer/apelo, os estímulos do tato/aconchego (holding/attachment), visuais/luz, sons, olfato modelam a arquitetura e a função dos ciclos neurobiológicos para produção dos neurotransmissores e conexões sinápticas (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019, p. 3).

No entanto, é cada vez mais frequente que as crianças tenham acesso a celulares desde o primeiro ano de vida. Esse acesso precoce apresenta uma série de oportunidades e riscos, considerando que as crianças estão em fase intensa de desenvolvimento.

Ao mesmo tempo que os celulares possibilitam que as crianças acessem informações e conteúdos educativos, comunicação fácil e rápida com familiares e amigos, desenvolvimento de habilidades tecnológicas, entre outras coisas, seu uso precoce e/ou em excesso apresenta também efeitos desfavoráveis às crianças, como distúrbios do sono, problemas de concentração e aprendizagem, sedentarismo, vício, exposição a conteúdos inadequados *etc.*

Essa dualidade deve ser considerada e avaliada, para que o uso desses aparelhos ocorra de maneira equilibrada, não afetando negativamente a saúde dos pequenos.

De acordo o manual de orientação “Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital” publicado pela Sociedade Brasileira de Pediatria em 2016:

O uso precoce e de longa duração de jogos online, redes sociais ou diversos aplicativos com filmes e vídeos na Internet pode causar dificuldades de socialização e conexão com outras pessoas e dificuldades escolares; a dependência ou o uso problemático e interativo das mídias causa problemas mentais, aumento da ansiedade, violência, cyberbullying, transtornos de sono e alimentação, sedentarismo, problemas auditivos por uso de headphones, problemas visuais, problemas posturais e lesões de esforço repetitivo (LER); problemas que envolvem a sexualidade, como maior vulnerabilidade ao grooming e sexting, incluindo pornografia, acesso facilitado às redes de pedofilia e exploração sexual online; compra e uso de drogas, pensamentos ou gestos de autoagressão e suicídio; além das “brincadeiras” ou “desafios” online que podem ocasionar consequências graves e até o coma por anóxia cerebral ou morte (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 2).

Os autores Rocha *et al* publicaram em 2021 um estudo transversal de base populacional sobre tempo de tela e primeira infância desenvolvido no Ceará, Brasil. O estudo foi realizado com 3.155 crianças com idade entre 0 a 60 meses (5 anos), para avaliar a relação entre o tempo de exposição a telas com a comunicação, desenvolvimento motor grosso e fino, resolução de problemas e desenvolvimento social e pessoal.

Nessa pesquisa, para avaliar a exposição das crianças ao tempo de tela, foi solicitado aos respectivos cuidadores que enumerassem a quantidade total de tempo que as crianças assistiam televisão, usavam celulares ou tablets ou jogavam videogames durante um dia habitual. Os autores consideraram como tempo de tela excessivo as diretrizes publicadas em 2019 pela Organização Mundial da Saúde: Para crianças de 0 a 23 meses de idade, foi considerado como tempo de tela excessivo qualquer tempo de tela, enquanto para crianças com idade entre 24 a 60 meses, foi considerado como tempo de tela excesso mais de uma hora por dia.

A avaliação do desenvolvimento infantil, por sua vez, foi realizada baseada no questionário de idade e fases (*Ages and Stages Questionnaire*) versão 3 (ASQ-3), que é um instrumento desenvolvido para identificar atrasos no desenvolvimento em crianças originalmente desenvolvido por Squires, Bricker e Twombly. O questionário em questão passou por adaptações realizadas por Santana, Filgueiras e Landeira-Fernandes (ASQ-BR).

O ASQ-BR é composto por 21 questionários, cada um contendo 30 questões, adaptados para diferentes faixas etárias. Esses questionários abordam áreas como coordenação motora global, coordenação motora fina, comunicação, resolução de problemas e desenvolvimento pessoal e social.

Em relação à exposição infantil às telas, foi relatado um tempo médio de $2,6 \pm 6,6$ horas por dia, sendo $1,5 \pm 1,7$ horas dedicadas à televisão e $0,6 \pm 1,2$ horas ao uso de tablets e smartphones. Em termos gerais, 69% das crianças foram identificadas como tendo exposição excessiva às telas, com base em suas idades (Rocha *et al*, 2021).

Como resultado do estudo, os autores constataram que a cada hora adicional do tempo total de tela foi associada a uma menor comunicação infantil, resolução de problemas e pontuações pessoais-sociais (Rocha, *et al*, 2021).

Entretanto, nem todo tempo de tela pode afetar negativamente o desenvolvimento e vida das crianças. Em um estudo realizado no Brasil,

“constatou-se a relação positiva e significativa entre a qualidade de uso de mídias interativas e o desenvolvimento infantil, principalmente para a linguagem” (Nobre et al., 2019)

Além disso, dependendo da forma de utilização, esses dispositivos móveis podem ser usados como aliados dos docentes no processo de ensino-aprendizagem das crianças, contribuindo para tal. Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 36) *apud* Lima e Araújo (2021) enfatizam que:

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para integração entre grupos dentro e fora da turma, para a publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais e entre muitas outras possibilidades.

Segundo Lima e Araújo (2021), o uso desses recursos pelo professor pode despertar a curiosidade do aluno por meio de atividades, estimulando a capacidade de criar e gerar novas ideias, aumentando assim o interesse do aluno pelas tarefas escolares.

Diante das oportunidades e riscos do acesso das crianças aos dispositivos móveis eletrônicos, este estudo busca compreender a relação da infância contemporânea com esses dispositivos, identificando, em estudos recentes, oportunidades e riscos que seu uso oferece, além de destacar a importância do letramento digital nas instituições educativas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a metodologia estabelecida nesta pesquisa, inicialmente foi realizado um levantamento de dissertações publicadas entre 2019 e 2023 no Portal de Periódicos da CAPES, em qualquer idioma, utilizando como descritores “infância e dispositivos móveis”, “infância e celular”, “crianças e dispositivos móveis”, “crianças e celular”, mas nenhum resultado foi encontrado. Empregando os mesmos filtros, também foram pesquisados os descritores “infância e tecnologia” e “crianças e tecnologia”, obtendo 1 único resultado cada, todavia, ambos os descritores resultaram no mesmo trabalho, que não apresentava relação com o tema discutido nesta pesquisa.

Em seguida, a busca no Portal de Periódicos da CAPES foi ampliada. Para isso, o tipo de material buscado modificou-se de dissertações para artigos, mantendo o recorte temporal de 2019 a 2023, mas afinando os descritores, objetivando maior aproximação com o tema. Foi, então, usado o seguinte descritor: “crianças e celular”, resultando em um total de 89 trabalhos.

Mediante a leitura de títulos e resumos desses trabalhos, verificou-se que a maioria desses resultados não se relacionam com a temática aqui em questão, logo, boa parte desses artigos foi descartada. Com isso, foram selecionados 7 trabalhos que apresentam uma relação mais próxima com o tema:

Quadro 1: Bibliografia selecionada sobre infância, crianças e celular - Portal de Periódicos CAPES, 2019-2023

ANO	AUTOR	TÍTULO	PUBLICADO POR	TIPO
2019	TABORDA, Lorena dos Santos.	A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança	Revista UNINGÁ	Artigo
2019	MALLMANN, Manoela Yustas; FRIZZO, Giana Bitencourt.	O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?	Revista Cocar	Artigo
2020	SANTOS, Thaís Aluane Silva <i>et. al.</i>	A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança pré-escolar e escolar.	Faculdade de Medicina de Marília (Famema), Brasil	Capítulo de livro

2020	SANTOS, Thaís Aluane Silva <i>et. al.</i>	O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento	RISTI: Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação	Artigo
2021	FARIAS, Edson dos Santos <i>et al.</i>	Comportamento de crianças e adolescentes em relação ao tempo de tela em Porto Velho, Amazônia Ocidental Brasileira	Jornal de Crescimento e Desenvolvimento Humano	Artigo
2022	LARA, Juliana Siqueira de <i>et. al.</i>	Entre telas e teclas: Pesquisa-intervenção com crianças e adolescentes na pandemia	Cadernos CEDES	Artigo
2023	MADEIRA, Francisca Nayara dos Santos <i>et. al.</i>	Análise de aplicativos móveis voltados para controle parental: Revisão narrativa	Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR	Artigo

Fonte: Portal de Periódicos CAPES, 2024.

Após leitura completa e análise desses materiais, observou-se que, apesar de apresentarem alguma ligação com o tema, muitas dessas pesquisas não tratam especificamente sobre a primeira infância, abordando, majoritariamente, a infância de forma mais abrangente. Para preencher essa lacuna, optou-se por realizar um novo levantamento de materiais, dessa vez no Google Acadêmico, uma vez que essa ferramenta possibilita ampla pesquisa de literatura acadêmica.

Considerando a quantidade de material disponível no Google Acadêmico, também foi usado como descritor “celular e crianças”, buscando materiais em português publicados entre 2019-2023 ordenados por data. Essa pesquisa resultou em 129 trabalhos. Com isso, repetiu-se o processo de leitura de títulos e resumos para selecionar os materiais que apresentam relação com o tema desta pesquisa, excluindo os demais. O quadro a seguir elenca os 8 trabalhos selecionados nessa fase do levantamento:

Quadro 2: Bibliografia selecionada sobre infância, crianças e celular - Google acadêmico, 2019-2023

ANO	AUTOR	TÍTULO	PUBLICADO POR	TIPO
2023	ASCENSO, Laísa Renata Souza <i>et. al.</i>	Entendendo os danos causados pelo uso excessivo de telas na primeira infância: Revisão de literatura	UNIFIMES	Resumo expandido

2023	SILVEIRA, Mileide Custódio da.	Educação e infâncias na cultura digital	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS	TCC
2023	MARIANO, Gabriella de Oliveira; PENNA, Katia de Medeiros.	As consequências das telas no desenvolvimento infantil	Unifucamp	TCC
2023	ALMEIDA, Priscilla do Nascimento Silva de.	Impactos do uso excessivo de telas na infância	Faculdade Anhanguera de Porto Alegre	TCC
2023	BASTOS, Thiago Helder; ALMEIDA, Daniel Freire e; ANDRADE, Paulo Antonio Rufino de.	Os desafios na era digital para a proteção de crianças	Resultados do VI CONGREFAC	Capítulo de livro
2023	BATISTA, Abadia Crysthiann Fiuza et al.	Os impactos do uso excessivo de telas na infância: uma revisão de literatura	Revista eletrônica de trabalhos acadêmicos	Artigo
2023	CRUZ, Jhennyfer Rebeca.	Tecnologia No Desenvolvimento Infantil: benção ou maldição?	Faculdade de Inhumas FacMais	TCC
2023	SANTOS, Amanda Freitas dos; COSTA, Gabriely Pinheiro da.	Tempo excessivo de tela e tecnologia na primeira infância: impactos no desenvolvimento infantil.	UNIFAMETRO	TCC

Fonte: Google Acadêmico, 2024.

Assim como ocorreu com os resultados obtidos através do Portal de Periódicos CAPES, após examinar esses materiais encontrados por meio de pesquisa no Google Acadêmico, verificou-se que, embora estejam de alguma forma relacionados à temática, muitas dessas pesquisas não se concentram especificamente na primeira infância.

De modo geral, tanto os estudos selecionados através do Portal de Periódicos CAPES quanto os estudos selecionados por meio do Google Acadêmico, discutem o uso de tecnologias, mais especificamente o acesso e uso de telas, como celulares, tablets, computadores e televisores, pelas crianças. Esses trabalhos analisam a frequência de uso, os impactos positivos e negativos que o uso dessas tecnologias pode provocar às crianças e destacam também os desafios para a sua proteção, ressaltando a necessidade de monitoramento dos pais e/ou responsáveis acerca da utilização desses aparelhos pelos menores. Em sua maioria, essas pesquisas tratam

dessas questões de forma geral, sem explorar especificamente as características da primeira infância.

Considerando que o foco deste trabalho versa sobre o uso de celulares por crianças na primeira infância, foram selecionados para análise os materiais com ênfase nessa fase, obtidos por meio da pesquisa realizada no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos CAPES. Dessa forma, dentre os 15 trabalhos distribuídos no quadro 1 e no quadro 2, foram usados como base para análise 5 materiais:

Quadro 3: Bibliografia encontrada com ênfase na primeira infância - Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, 2019-2023

ANO	AUTOR	TÍTULO	PUBLICADO POR	TIPO	BANCO DE DADOS
2019	MALLMANN, Manoela Yustas; FRIZZO, Giana Bitencourt.	O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?	Revista Cocar	Artigo	Portal de Periódicos CAPES
2023	ASCENCO, Laísa Renata Souza <i>et. al.</i>	Entendendo os danos causados pelo uso excessivo de telas na primeira infância: Revisão de literatura	UNIFIMES	Resumo expandido	Google Acadêmico
2023	MARIANO, Gabriella de Oliveira; PENNA, Kátia de Medeiros.	As consequências das telas no desenvolvimento infantil	Unifucamp	TCC	Google Acadêmico
2023	BATISTA, Abadia Crysthiann Fiuza <i>et. al.</i>	Os impactos do uso excessivo de telas na infância: uma revisão de literatura	Revista eletrônica de trabalhos acadêmicos	Artigo	Google Acadêmico
2023	SANTOS, Amanda Freitas dos; COSTA, Gabriely Pinheiro da.	Tempo excessivo de tela e tecnologia na primeira infância: impactos no desenvolvimento infantil.	UNIFAMETRO	TCC	Google Acadêmico

Fonte: Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, 2024.

Manoela Mallmann e Giana Frizzo (2019) conduziram uma pesquisa exploratória sobre o emprego das novas tecnologias em famílias com bebês. Essa pesquisa foi realizada com 7 mães de crianças com até 2 anos de idade, objetivando compreender como essas mães e seus/as bebês fazem uso de tecnologias, como

celulares, tablets e televisão. As autoras optaram por realizar o estudo por meio de 2 sessões de grupos focais: a primeira sessão foi realizada com 3 mães e a segunda com as 4 mães restantes, com duração aproximada de 1h30 cada.

Embora o estudo realizado pelas autoras não compreenda toda a fase da primeira infância, ele se mostra bastante relevante, pois ao realizar busca e seleção de materiais para esta pesquisa, foi observado que os estudos sobre o uso de tecnologias, telas e celulares por crianças geralmente são realizados de maneira mais ampla, considerando uma faixa etária mais abrangente, muitas vezes incluindo crianças e adolescentes. Portanto, um estudo específico sobre os 2 primeiros anos de vida das crianças é um destaque bastante positivo.

Ao examinar os contextos em que as tecnologias eram mais empregadas, Mallmann e Frizzo (2019) não apenas identificaram esses contextos, como também os motivos que levavam ao seu uso: a necessidade dos pais, em busca de distrair ou acalmar os/as bebês para que pudessem realizar alguma atividade em casa e a necessidade do uso de dispositivos móveis em situações fora de casa, também para distraí-los/as e/ou acalmá-los/as, quando não havia outra pessoa disponível para cuidar dos bebês, evidenciando que essas tecnologias são tidas como uma solução em momentos difíceis.

As mães participantes da pesquisa destacaram várias vantagens proporcionadas pelas tecnologias para os bebês. Entre elas, mencionaram a facilidade de manter contato com familiares distantes, os momentos de diversão e lazer em família e a oportunidade de utilizar as novas tecnologias com recursos e potencialidades que podem proporcionar novas aprendizagens. Além disso, notaram que as crianças podiam se reconhecer em vídeos ou fotos ao utilizar o celular, o que também era visto como uma vantagem.

Como benefício para elas, as mães destacaram, principalmente, a utilização dessas tecnologias como uma solução em momentos considerados por elas como desafiadores. No entanto, ressaltaram que nem sempre essa foi a primeira escolha, recorrendo também ao uso de brinquedos ou tentar fazer as crianças dormirem.

As sessões de grupo focal evidenciaram também que, apesar de serem consideradas uma solução em momentos difíceis, o uso dessas tecnologias gera medo e incertezas para as mães. “Foram relatados medos de prejuízos na atenção, na capacidade de tolerância à frustração, interação no mundo real, atividade física e desenvolvimento corporal, e dificuldades na fala” (Mallmann; Frizzo, 2019).

Na mesma pesquisa, Mallmann e Frizzo (2019) constataram que, no ambiente familiar, o uso da televisão foi predominante. As mães justificaram essa escolha por saberem que os/as bebês não conseguiriam interagir com o aparelho ou alterar os canais. Em ambientes externos, por sua vez, o celular foi o dispositivo mais utilizado. Isso pode ser justificado devido à acessibilidade e portabilidade desses aparelhos, além das interfaces intuitivas que facilitam seu manuseio.

Apesar disso, as participantes reconhecem a importância de estabelecer limites quanto ao uso dessas tecnologias, embora não tenham especificado um tempo considerado máximo. Além disso, as mães percebem seus próprios hábitos de uso de tecnologia como excessivos, especialmente em relação ao uso do celular, que “[...] pode estar associado a maior exposição e uso dos filhos (Lauricella; Wartella, Rideou, 2015 *apud* Mallmann; Grizzo, 2019). Esse excesso por parte dos pais ou responsáveis pode resultar em uma disponibilidade reduzida para interagir com as crianças.

É possível observar que na pesquisa realizada por Mallmann e Grizzo (2019), fica evidente que as orientações da Organização Mundial da Saúde e da Sociedade Brasileira de Pediatria quanto ao uso de telas por crianças não foram adotadas. Enquanto essas instituições recomendam que as crianças de até 2 anos de idade não tenham acesso a nenhum tempo de tela, na prática, muitas vezes o uso desses dispositivos ocorre de forma indiscriminada.

Nesse contexto, é imprescindível que sejam estabelecidas regras claras e equilibradas para o uso de tecnologias, visando promover uma interação saudável e significativa entre pais e filhos/as e o desenvolvimento saudável das crianças.

Ascenso *et. al.* (2023) realizaram um estudo bibliográfico com intuito de elucidar os malefícios causados pelo uso excessivo de telas por crianças na primeira infância (0-6 anos de idade). Esses/as autores/as indicam que, embora haja momentos em que esses recursos possam ser úteis para tranquilizar e/ou entreter as crianças, Rocha (2020) *apud* Ascenso *et. al.* (2023), alerta que isso pode prejudicar o desenvolvimento dos próprios mecanismos de regulação emocional das crianças. Além disso, o acesso a conteúdos inadequados à faixa etária pode provocar comportamentos agressivos.

Em contrapartida, os/as autores/as apresentam que crianças que fazem uso de telas dentro dos limites estabelecidos pelas organizações de saúde tendem a apresentar padrões mais saudáveis de alimentação e podem ser beneficiadas em

sua formação crítica e criativa. Entretanto, Ascenso *et. al.* (2023) concluem que “os malefícios continuam superando os benefícios da alta exposição sobretudo em crianças menores que dois anos”, o que ressalta a importância do controle dos pais e/ou responsáveis sobre o tempo de exposição das crianças às telas e ao conteúdo que consomem.

Gabriella Mariano e Katia Penna (2023) também realizaram um estudo bibliográfico sobre as consequências do uso de telas no desenvolvimento infantil. Elas observam que, atualmente, é possível perceber que as crianças têm acesso às tecnologias cada vez mais cedo, desde a primeira infância. Souza (2017) *apud* Mariano e Penna (2023), afirma que “Hoje antes mesmo do processo de alfabetização as pessoas ainda na primeira infância vivem o processo de “alfabetização digital” [...]”, evidenciando a importância de estudar essa temática e ampliar a compreensão dessas questões para garantir o desenvolvimento pleno e saudável das crianças.

Contrariando essa tendência de alfabetização digital precoce, as autoras afirmam que a primeira infância “[...] é a época em que mais se deve estimular as crianças, trabalhando a capacidade motora, oferecendo brinquedos adequados, oferecendo contato com a natureza” (Mariano e Penna, 2003). Elas lamentam que, com o avanço da tecnologia, esses aspectos fundamentais muitas vezes são negligenciados. Destacam, ainda, a responsabilidade dos pais e/ou cuidadores/as de incentivar as crianças a se envolverem em atividades não relacionadas às telas, como jogos e brincadeiras. Por fim, enfatizam

O quanto o uso de tecnologias vem afetando o desenvolvimento, o excesso de telas está modificando a interação social, a brincadeira e a linguagem, causando alterações no sono. Exposição às telas de maneira exagerada causa impacto negativo no desenvolvimento cognitivo e psicossocial das crianças, tornando assim de suma importância um uso adequado das telas principalmente em relação ao tempo de exposição, de acordo com a idade e sempre realizar uma supervisão ativa fazendo assim com que o conteúdo que está sendo acessado esteja adequado de acordo com a faixa etária. (Mariano; Penna, 2023, p. 12)

Em sua pesquisa, realizada por meio de revisão narrativa de literatura, Batista *et. al.* (2023) buscaram compreender quais são os impactos causados pelo uso excessivo das telas na primeira infância no desenvolvimento das crianças. As autoras ressaltam que

Os primeiros seis anos de vida da criança são caracterizados pela formação de estruturas cerebrais e pelo aperfeiçoamento de habilidades cognitivas complexas, linguagem e interação socioemocional, que influenciam toda a vida futura e estão relacionados a uma variedade de experiências oferecidas à criança. (Borges; Ávila, 2021 *apud* Batista, *et. al.*, 2023, p. 1)

Logo, devido a tamanha importância dos primeiros 6 anos de vida para o desenvolvimento das crianças, é crucial que essa fase seja vivida da melhor forma possível, evitando interferências negativas ao seu desenvolvimento. É fundamental que as crianças vivenciem múltiplas experiências estimulantes e enriquecedoras, não restringindo suas atividades de entretenimento e lazer ao uso de telas.

Batista *et. al.* (2023) apresentam que “devido ao uso de aparelhos eletrônicos no dia a dia das famílias, as brincadeiras tradicionais (pique-esconde, amarelinha, bicicleta, patins, pega-pega, entre outras) foram substituídas pelas telas”. As autoras concluem que o uso de telas afeta as funções cognitivas, comportamentais e sociais da vida infantil, alterando-as, levando a impactos negativos significativos em seu desenvolvimento. Ressaltam também a importância de estudos voltados a pais, profissionais e responsáveis acerca de outros estímulos que possam ser inseridos nas rotinas infantis sem prejudicar o desenvolvimento das crianças.

Santos e Costa (2023) realizaram uma revisão integrativa de literatura para analisar os impactos que o uso excessivo de telas pode causar no crescimento e desenvolvimento infantil. As autoras constataram que

A alta exposição precoce às telas, trazem problemas relacionados à saúde da criança e na estrutura familiar, uma vez que as mídias interferem de forma direta no comportamento infantil, ocasionando o distanciamento entre familiares, prejuízo na criação de vínculos, fazendo com que a criança esqueça as brincadeiras ao ar livre e diminua o contato e a interação social, além de ocasionar a pré-disposição a obesidade infantil. (Santos; Costa, 2023, p. 29)

Em contrapartida, caso os dispositivos móveis eletrônicos sejam inseridos a partir dos 2 anos de idade e o tempo recomendado pela Organização Mundial da Saúde e pela Sociedade Brasileira de Pediatria acerca da exposição às telas para cada faixa etária seja respeitado, supervisionados pelos/as responsáveis, esses aparelhos “podem ser uma fonte adicional para o desenvolvimento inicial da linguagem e da alfabetização das crianças, por meio de jogos, aplicativos e

dispositivos educacionais interativos [...]” (Ofli, *et al.*, 2021; Nobre, *et al.*, 2020 *apud* Santos; Costa, 2023).

Nesse estudo, as autoras destacam também que o uso de dispositivos eletrônicos realizado de forma precoce e/ou exacerbado, provocam “[...] atenção prejudicada, falta de controle do comportamento, atraso na linguagem e déficits na função executiva, alterações neuro anatômicas associadas à diminuição da empatia e ao controle inadequado dos impulsos e processamento emocional” (Santos; Costa, 2023), colaborando também para o sobrepeso e obesidade, maior pressão arterial, favorecimento de distúrbios de sono, má alimentação e diminuição do rendimento escolar (Santos; Costa, 2023).

Para minimizar esses danos, as autoras apontam que pais e/ou responsáveis precisam estar cientes dos possíveis prejuízos decorrentes da exposição precoce às telas ao longo do tempo, sendo fundamental que sigam as recomendações de uso e tempo adequadas para cada faixa etária, além de supervisionarem atentamente as crianças durante o uso desses dispositivos.

Dentre os estudos apresentados, nenhum se dedica exclusivamente ao uso do celular por crianças, resultando na ausência de análises sobre as oportunidades e riscos associados ao uso exclusivo desse dispositivo móvel eletrônico. Ainda assim, mesmo quando os celulares são mencionados em conjunto com outras tecnologias nos estudos, é perceptível que, embora os celulares, assim como as demais tecnologias, possam oferecer entretenimento e até mesmo oportunidades educacionais, há inúmeros riscos associados à sua usabilidade precoce e/ou em excesso, sobretudo na primeira infância, fase intensa do desenvolvimento infantil.

Por meio dos estudos apresentados, observa-se que as recomendações da Organização Mundial da Saúde e da Sociedade Brasileira de Pediatria acerca do uso de telas por crianças nem sempre são seguidas pelos pais e/ou cuidadores/as, e crianças com menos de seis anos frequentemente utilizam dispositivos digitais. Geralmente, a primeira exposição ocorre devido à disponibilidade dos dispositivos de uso dos pais em casa, sendo o celular o primeiro dispositivo a atrair a atenção de uma criança, mesmo muito nova, com contato antes mesmo de completar um ano de idade (Calvert *et al.*, 2005).

Em um contexto cada vez mais tecnológico, as crianças estão se tornando cada vez mais familiarizadas com dispositivos eletrônicos em seu cotidiano. Além de passarem mais tempo do que o recomendado diante das telas, elas utilizam esses

aparelhos em qualquer lugar, muitas vezes como uma forma de mantê-las "quietas", em uma dinâmica chamada de distração passiva, na qual a criança apenas recebe estímulos (Setton, 2013).

Conforme os estudos apontaram, é comum ver cenas de crianças utilizando dispositivos eletrônicos como forma de entretenimento durante as refeições, em carros, em momentos de espera ou quando os pais estão ocupados com outras atividades, a fim de evitar transtornos tanto para elas quanto para os pais (Fernandes; Eisenstein; Silva, 2018). Assim, torna-se desafiador limitar o acesso e controlar os possíveis riscos associados a esse acesso cada vez mais frequente, o que pode resultar em consequências em diversas áreas do desenvolvimento infantil (Sampaio; Cavalcante, 2017).

É essencial que os pais e/ou cuidadores/as estejam atentos a esses possíveis prejuízos ao desenvolvimento das crianças e busquem limitar seu tempo de exposição, de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde e Sociedade Brasileira de Pediatria, priorizando atividades mais adequadas ao desenvolvimento saudável na primeira infância.

Além disso, conforme observado por Dolto e Nasio (2008), como as crianças são inseridas no ambiente escolar desde os primeiros anos de vida, a escola assumiu o papel da aprendizagem como principal meio de educação, como aponta Ariès (2006). Nesse sentido, é importante que a escola e seus profissionais também estejam atentos às consequências da rápida expansão tecnológica. É necessário que as instituições de ensino acompanhem as modificações provocadas pelas tecnologias, proporcionando às crianças as habilidades necessárias para navegar de forma segura e produtiva no mundo digital em constante mudança.

O desenvolvimento do letramento digital, conceito relativamente novo, que refere-se às práticas de leitura e produção de textos em ambientes digitais, como computadores e dispositivos móveis (Coscarelli; Ribeiro, 2005), é extremamente importante, considerando que as crianças são expostas à recursos digitais desde tenra idade, conforme observado por Souza (2019) e passam grande parte do dia em frente às telas de diversos dispositivos eletrônicos, sem um controle adequado do tempo de exposição e do conteúdo que consomem (Oliveira *et al.*, 2017).

Esse desenvolvimento é de suma importância para todos os indivíduos, uma vez que as tecnologias e uso dos dispositivos móveis eletrônicos se expande, mais

as pessoas têm acesso aos inúmeros conteúdos disponíveis mediante seus usos, sendo de extrema importância o letramento digital para um acesso e utilização com menos riscos e mais qualidade, tornando o tema bastante relevante para ser trabalhado com as crianças.

Como indicado por Tono (2017), muitas vezes as crianças não recebem a orientação e acompanhamento adequados para usarem as tecnologias de maneira segura e responsável, o que faz com que seja importante que a escola promova a educação digital desde cedo. Além disso, é interessante que os/as profissionais da área da educação estejam atentos às tendências e aos desafios relacionados ao uso da tecnologia pelas crianças, sobretudo os celulares, que devido a sua facilidade de transporte, e manuseio, frequentemente atuam como uma “chupeta eletrônica” (Jerusalinsky, 2014), para que possam orientar as crianças maneira eficaz.

O letramento digital não se trata apenas de saber utilizar dispositivos e aplicativos, mas também de compreender os aspectos éticos, sociais e críticos relacionados ao uso da tecnologia. Assim, integrar o letramento digital ao currículo escolar torna-se uma necessidade para preparar os/as alunos/as para os desafios e oportunidades do século XXI. Ao promover a educação digital, as escolas podem ajudar a capacitar os/as alunos/as a se tornarem usuários responsáveis e críticos/as da tecnologia desde cedo.

Ademais, ao seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde e da Sociedade Brasileira de Pediatria ao introduzir os celulares e demais dispositivos na idade apropriada, respeitando o tempo de uso indicado para cada faixa etária e desenvolvendo o letramento digital das crianças, os celulares e demais tecnologias podem ser um estímulo adicional para o desenvolvimento infantil. Jogos e aplicativos com conteúdos educativos, por exemplo, oferecem atividades interativas e estimulantes, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizado dos/as pequenos/as.

É fundamental encontrar um equilíbrio para o uso responsável do celular e demais tecnologias, buscando aproveitar ao máximo o potencial positivo desses recursos, para que contribuam com o desenvolvimento das crianças, evitando possíveis impactos negativos. Para alcançar esse equilíbrio, estudos sobre o uso desses recursos e seus efeitos são de extrema importância. Eles podem contribuir

para o desenvolvimento de estratégias que minimizem os impactos negativos e maximizem os aspectos positivos dessas tecnologias no desenvolvimento infantil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados por esse trabalho de conclusão de curso sobre o uso de celulares por crianças, é possível concluir que o tema é de extrema relevância no contexto atual, marcado pela ampla disponibilidade de dispositivos móveis eletrônicos e pela crescente inserção das crianças no mundo digital.

A partir dos elementos apresentados, é possível identificar indícios que o uso de celulares por crianças pode proporcionar oportunidades significativas para o desenvolvimento infantil. Através dos dispositivos móveis, as crianças podem ter acesso a uma vasta gama de informações educativas, estimulando o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Além disso, o uso de aplicativos educativos e jogos interativos pode tornar o processo de aprendizagem mais atrativo e dinâmico, contribuindo para o desenvolvimento infantil integral.

Por outro lado, a pesquisa também evidenciou inúmeros riscos e desafios relacionados ao uso excessivo ou inadequado de celulares por crianças. A exposição prolongada às telas pode resultar em problemas de saúde física e mental, como distúrbios do sono, ansiedade e dificuldades de socialização. Além disso, a falta de controle sobre o conteúdo acessado pode expor as crianças a informações inadequadas ou prejudiciais à sua segurança e desenvolvimento.

Diante dos resultados obtidos, é possível apontar que o letramento digital é essencial para que as crianças possam fazer um uso seguro e consciente dos dispositivos móveis. As instituições educativas desempenham um papel fundamental nesse processo, fornecendo orientações sobre o uso adequado da tecnologia e promovendo a reflexão sobre os impactos do mundo digital na vida das crianças.

Com base nas conclusões da pesquisa, recomenda-se a implementação de políticas e estratégias que visem orientar pais, cuidadores/as, educadores/as e crianças sobre o uso responsável dos celulares. Além disso, sugere-se a realização de estudos longitudinais para avaliar os impactos do uso de celulares por crianças a longo prazo, bem como a promoção de campanhas de conscientização sobre os benefícios e riscos do uso da tecnologia na infância.

8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Priscilla do Nascimento Silva de; GALLEANO, Luana. **Impactos do uso excessivo de telas na infância**. TCC (Psicologia) - Faculdade Anhanguera, 2023.

AMARO, Maria Magdalena Schommer. Tecnologias na educação infantil. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/133898>. Acesso em: 06 abr. 2024.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais. 2010. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.7476/9788579830853>. Acesso em: 06 abr. 2024.

AQUINO, Ligia Maria Leão de. Contribuições da teoria histórico-cultural para uma educação infantil como lugar das crianças e infâncias. **Fractal: revista de psicologia**, v. 27, p. 39-43, 2015.

ASCENSO, Láisa Renata Souza *et al.* **ENTENDENDO OS DANOS CAUSADOS PELO USO EXCESSIVO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: REVISÃO DE LITERATURA**. VII Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar e V Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e IV Feira de Empreendedorismo da UNIFIMES, 2023.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set. 2014. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2014000300645&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 mar. 2024. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.043.DS01>.

BASTOS, Alder Thiago; ALMEIDA, Daniel Freire e; ANDRADE, Paulo Antonio Rufino de. OS DESAFIOS NA ERA DIGITAL PARA A PROTEÇÃO DE CRIANÇAS. *In*: BASTOS, Alder Thiago; ALMEIDA, Daniel Freire e; ANDRADE, Paulo Antonio Rufino de. **POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS FUNDAMENTAIS**. LAWINTER EDITIONS New York - Zürich, 2023, p. 100-114.

BATISTA, Abadia Crysthiann Fiuza et al. **OS IMPACTOS DO USO EXCESSIVO DE TELAS NA INFÂNCIA**: uma revisão de literatura. REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-UNIVERSO-GOIÂNIA, v. 1, n. 11, 2023.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudanças**. Papirus Editora, 2015.

BRASIL, MEC; CNE, CEB. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. **Resolução CEB-CNE**, v. 1, 2010.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância**. Brasília, DF: Congresso Nacional, [2021].

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, 2007.

CALVERT, Sandra L. et al. Age, ethnicity, and socioeconomic patterns in early computer use: A national survey. **American Behavioral Scientist**, v. 48, n. 5, p. 590-607, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764204271508>. Acesso em: 06 abr. 2024

CASTRO, M. Noção de criança e Infância: diálogos, reflexões, interlocuções. Anais do seminário do 16º Cole. UFF. Rio de Janeiro/RJ, 2010.

CHAMPAOSKI, Eliane Blaszkowski. **Interações da criança com as mídias digitais: um guia de orientações acerca dos limites e possibilidades**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/485>. Acesso em: 07 abr. 2024.

COSCARELLI, C. V.; Ribeiro, A. E. (Orgs.). Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CRESWELL, J. W. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010

Cruz, Jhennyfer Rebeca; SALDANHA, Raphaela Fernandes Saldanha. **Tecnologia no Desenvolvimento Infantil: benção ou maldição?** TCC (Psicologia) Faculdade de Inhumas FacMais, 2023.

DOLTO, F.; NASIO, J. D. A criança no espelho (A. Telles, Trad.). **Rio de Janeiro, RJ: Zahar**, 2008.

ESTIGARRIBIA, Fabiana Andressa. O brincar e a interferência da tecnologia. 2019. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/ad1052a7-477e-4327-b319-7dabbc82cc38>. Acesso em: 07 abr. 2024.

FARIAS, Edson dos Santos et al. **Comportamento de crianças e adolescentes em relação ao tempo de tela em Porto Velho, Amazônia Ocidental Brasileira**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, vol. 31, no. 1, 2021, p. 66-75.

FERNANDES, Claudia Mascarenhas; Eisenstein, Evelyn; SILVA, E. J. C. A criança de 0 a 3 anos e o mundo digital. **São Paulo: Sociedade Brasileira de Pediatria [Internet]**, 2018.

FERREIRA, AB de H. Novo dicionário da língua portuguesa. In: **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1975. p. 1498-1498.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação; CRUZ, Maria Nazaré da. Psicologia e trabalho pedagógico.

GARCIA, Regina Leite; LEITE FILHO, Aristeo. **Em defesa da educação infantil**. SEPE, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, sociedade e cultura. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 13-29, 2002.

JÁCOME, Paloma da Silva. **Criança e infância: uma construção histórica**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42567>. Acesso em: 05 abr. 2024.

JERUSALINSKY, Julieta. As Crianças entre os Laços Familiares e as Janelas Virtuais. **Anais do II Colóquio de Psicanálise com Crianças**, p. 11, 2014.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. **História social da infância no Brasil**, v. 6, p. 229-250, 1997.

KAERCHER, Gládis E. et al. Educação Infantil: pra que te quero. **Porto Alegre: Artmed**, 2001.

LARA, Juliana Siqueira de et al. **ENTRE TELAS E TECLAS: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA PANDEMIA**. Cadernos *CEDES*, vol. 42, nº 118, 2022, p. 232–247.

LEWANDOWSKI, Carilei Isabel. A influência dos jogos eletrônicos no desenvolvimento infantil. 2016. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/3cf6f12e-e3a1-4cb9-8cc3-1694cb41d456>. Acesso em: 07 abr. 2024.

LIMA, M. F.; ARAÚJO, J. F. S. A utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Educação Pública*. 2021. DOI: 10-18264/REP. Acesso em: 07 abr. 2024.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; BAPTISTA, Mônica Correia; MONTEIRO, Sara Mourão. A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. **Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE**, p. 95-109, 2009.

MADEIRA, Francisca Nayara dos Santos et al. **ANÁLISE DE APLICATIVOS MÓVEIS VOLTADOS PARA CONTROLE PARENTAL: REVISÃO NARRATIVA**. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 1457–1476, 2023.

MALLMANN, Manoela Yustas; Frizzo, Giana Bitencourt. **O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?** Revista Cocar Edição Especial N.7. Set./Dez./ 2019 p. 26-46.

MARIANO, Gabriella de Oliveira. PENNA, Katia de Medeiros. **AS CONSEQUÊNCIAS DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**. 2023. TCC (Pedagogia) - Unifacamp Centro Universitário, 2023.

MOREIRA, Larissa Hora et al. Consequências do tempo de tela precoce no desenvolvimento infantil/Consequences of early screen time on child development. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 97125-97133, 2021. Disponível em: DOI:10.34117/bjdv7n10-156. Acesso em: 08 abr. 2024.

NOBRE, Juliana N. P. et al. Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis. *J Pediatr (Rio J)*. 2019;96:310---7.

OLIVEIRA, Mônica Suzel de et al. A influência das novas tecnologias na formação da criança. 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5990>. Acesso em: 08 abr. 2024.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. *As crianças: contextos e identidades*. 1999.

PONTES, Jhaina Aryce et al. Ressignificando os conceitos de criança e infância. **Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, v. 2, n. 1, p. 113-129, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/4116>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ROCHA, Hermano Alexandre Lima et al. Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population-based study. **BMC public health**, v. 21, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-12136-2>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino; CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva. Mediação do acesso de crianças à comunicação mercadológica. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51902>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SANTOS, Amanda Freitas dos; COSTA, Gabriely Pinheiro da. **Tempo excessivo de tela e tecnologia na primeira infância: impactos no desenvolvimento infantil**. 2023. TCC (Enfermagem) – Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2023.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, p. 223-239, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507711>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SANTOS, Thaís Aluane Silva *et al.* **A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança pré-escolar e escolar.** New trends in qualitative research, vol.3, 2020, p. 592-608.

SANTOS, Thaís Aluane Silva *et al.* **O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento.** RISTI - Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, nº. 38, 2020, p. 48-63.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/66522>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SETTON, Maria Graça. **Mídia e educação.** Editora Contexto, 2013.

SILVA, Beatriz Caroline Ferreira, et al. Primeira infância é prioridade absoluta. Editora Instituição Instituto Alana, 2017.

SILVEIRA, Mileidi Custódio da. **EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS NA CULTURA DIGITAL.** 2023. TCC (Pedagogia) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de orientação. Departamento de adolescência. **Saúde de crianças e adolescentes na era digital.** São Paulo: SBP, 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrientSaude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acesso em: 07 abr. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021). # Menos telas# mais saúde. 2019. Sociedade Brasileira de Pediatria – SBP. Manual de Orientação: Departamento de Adolescência. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. Rio de Janeiro: SBP; 2016

SOUZA, Joseilda Sampaio de. Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28762>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SOUZA, Jhaína Aryce de Pontes e; SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarak; HERRAN, Wallace Chriciano Souza. Ressignificando os conceitos de criança e infância. **Revista Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, v. 2, n. 1, p. 113-129, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/4116>. Acesso em: 9 abr. 2024.

TABORDA, Lorena Dos Santos. **A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.** Rev. UNINGÁ Review, Maringá, v. 34, n. 1, p. 40-48, jan./mar. 2019.

TONO, Cineiva Campoli Paulino. Tecnologia e dignidade humana: Mecanismos de proteção das crianças e adolescentes na era digital. **Curitiba: Juruá Editora**, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age.** World Health Organization, 2019.